

## **INVESTIGANDO A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA ÓTICA DOS DOCENTES E DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Andreza Marques de Castro Leão; Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - Araraquara. Departamento de Psicologia da Educação. NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade. Eixo temático: 1. Formação inicial e continuada de professores para a educação básica. Agência Financiadora: FAPESP

### **INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA**

A formação dos professores é um assunto bastante atual no contexto acadêmico, sendo foco de inúmeros estudos, críticas, apreciações e sugestões. De modo geral há uma preocupação em como aprimorar esta formação de modo a adequá-la às exigências da contemporaneidade, em que assuntos emblemáticos e polêmicos até então negligenciados, tais como a sexualidade, passam ser incluídos nessa formação (LEÃO, 2011).

De fato, desde o final do século XX o tema da sexualidade alcança o ambiente escolar com sua oficialização nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estes se constituem em um conjunto de documentos que apresentam as propostas de uma nova estruturação curricular para a educação, os quais contemplam o ensino de temas sociais atuais presentes na vida cotidiana de forma transversal ao conteúdo das disciplinas, entre estes, a sexualidade (BRASIL, 1997).

Os PCN destacam a relevância da abordagem deste assunto e como inseri-lo na sala de aula, o que indica a necessidade do prepara e formação do profissional que irá fazê-lo, especificamente do professor, já que os PCN sugerem a transversalidade disciplinar como meio de se trabalhar a orientação sexual escolar. Contudo este tema, por um lado, ainda desencadeia temores e incertezas, e por outro, temos observado que os professores não têm nos cursos de graduação em Pedagogia ou nas Licenciaturas a formação necessária para o trabalho na sala de aula.

Figueiró (2006) explica que um número expressivo de professores tem se mostrado receoso e inseguro para se envolver de forma ativa com o trabalho de orientação sexual. Reis; Ribeiro (2002) e Leão (2009) tratam da deficiência verificada na formação dos professores em educação sexual.

De acordo com Oliveira (2000) isso ocorre porque os professores não têm sido preparados para uma prática pedagógica que abranja a sexualidade como teor de ensino. Nos dizeres do GTPOs (1999, p. 16) “a formação do professor raramente incorpora temas de sexualidade em seu currículo.

Leão (2009) denuncia que os cursos de formação de professores não oportunizam aos discentes disciplinas que abranjam os diferentes assuntos relacionados à sexualidade, assim como a orientação sexual. A respeito disso, Silva (2004) expressa

que é insuficiente a preocupação dentro desta formação para abordagem da temática sexual.

Isto posto, é imprescindível ponderar que sem esta formação não será possibilitado o preparo dos professores, que por sua vez trará entraves a inserção da orientação sexual nas escolas. Desta forma, a fim de reverter esta situação cíclica caótica, é essencial os cursos de licenciaturas tomarem posição em prol de uma melhor formação, que habilite os licenciados a terem uma postura flexível com as manifestações sexuais tão corriqueiras no contexto escolar (LEÃO, 2011).

Frison (2002) e Santos; Bruns (2000) expõem que um dos modos pelas quais as Universidades poderiam propiciar uma formação abrangente a seus educandos seria por meio da criação de disciplinas que contemplassem temas instigantes e pertinentes da sexualidade humana, que favorecessem uma formação crítica e aprofundada.

Todavia, os cursos de formação de professores desconsideram a sexualidade como um conteúdo que deve ser ensinado, compreendendo que tanto os educadores quanto os alunos conseguem se desvencilhar das suas sexualidades para irem à escola (OLIVEIRA, 2000).

Em linhas gerais, há uma indiferença generalizante nos diferentes cursos de graduação quanto à sexualidade, sendo conseqüência da inalterabilidade característica de um histórico de longa data em que somente os conhecimentos clássicos são considerados imprescindíveis.

Diante do exposto, é pertinente comentar que o curso de Pedagogia tem responsabilidade quanto à formação dos professores para abarcar a orientação sexual, uma vez que os egressos irão atuar, principalmente no ensino infantil e nas séries iniciais, níveis de ensino estes que abarcam crianças e adolescentes, geralmente carentes de informações sobre sexualidade. Conforme enfatiza Koerich (2007), este curso é destinado a formação inicial do educador, devendo, portanto, abordar a sexualidade de modo intencional ao longo de todo o processo de formação, incorporando-a ao seu currículo.

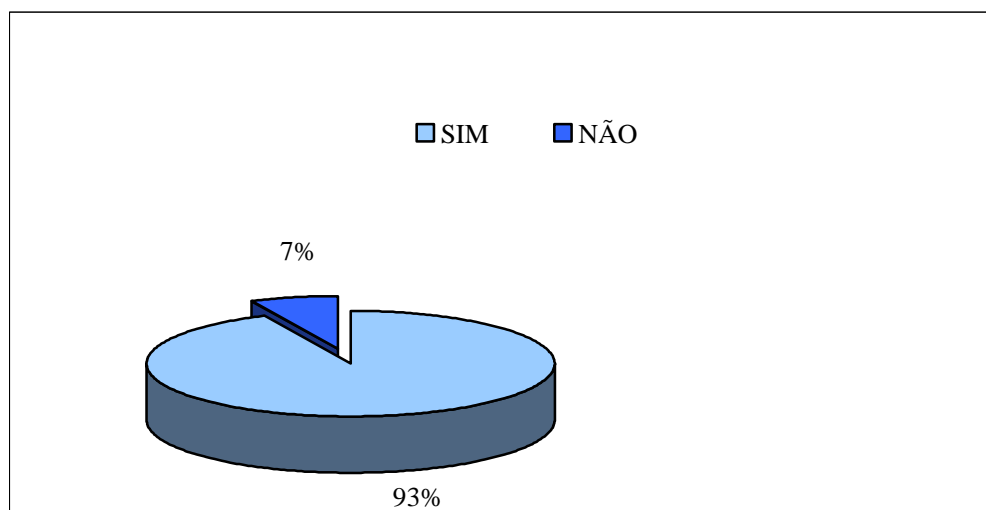
Segundo Leão (2009), o reconhecimento da necessidade do professor trabalhar com a sexualidade começa a ficar evidente, sobretudo em vista da proposta dos PCN, embora não haja uma forte iniciativa, por parte dos dirigentes e coordenadores dos cursos de Pedagogia, em os estruturarem para incluir esta temática relevante e necessária.

De posse das reflexões feitas até o momento, buscamos no presente estudo verificar a presença da inserção da sexualidade no curso de Pedagogia em uma universidade pública no interior do estado de São Paulo na ótica dos docentes e discentes do citado curso.

Na sua execução, contou com a participação de 30 professores Universitários, docentes do mencionado curso de distintos *campi*, assim como, de 70 discentes do curso de Pedagogia do campus de Araraquara. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-fechado, contendo 20 questões que tratavam de sexualidade, orientação sexual e gênero, das quais escolhemos duas para compor a análise feita no presente trabalho, uma vez que a referida pesquisa de Pós-Doutorado (LEÃO, 2011) ainda encontra-se em andamento. Os dados contidos no questionário foram submetidos à análise estatística realizada pela Empresa Junior da Universidade Federal de São Carlos, e seus resultados serão explicitados descritivamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisou-se a formação da Universidade Estadual Paulista em cinco diferentes *campi* que ministram o curso de Pedagogia – Araraquara, Bauru, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente. A primeira pergunta investigou se os participantes consideravam que o trabalho de orientação sexual deveria estar inserido no projeto pedagógico da escola. Os dados desta pergunta estão apresentados no Gráfico 1.



**Gráfico 1** - Trabalho de orientação sexual e sua inserção no projeto pedagógico da escola

O Gráfico 1 desvela que a maioria dos discentes dos cursos de Pedagogia, ou seja, 93% consideram que a orientação sexual deve ser inserida no projeto pedagógico da escola.

Na realidade, lembramos que da forma “oculta” a sexualidade está inserida na escola, e por ser um assunto cotidiano, pede espaço para ser abordado, discutido de

modo extenso e contundente, o que pode ocorrer se houver a implantação oficial da orientação sexual no projeto pedagógico escolar.

A escola ao acolher o trabalho de orientação sexual estará buscando oportunizar aos seus alunos não apenas informações de sexualidade, mas pode ir além, estimulando a reflexão, o desenvolvimento da crítica, enfim, formando futuros cidadãos providos do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, do qual a sexualidade faz parte. Segundo Figueiró (2001), os temas atrelados à sexualidade são abastados, no sentido de cooperarem para o desenvolvimento da criticidade dos alunos e para a conquista da democracia.

Mas, continuando a análise do Gráfico 1, foi solicitado aos sujeitos que explicassem suas respostas, e estes disseram que a orientação sexual deveria ser inserida devido à relevância do tema, necessidade dos alunos, por ser função da escola e por carecer de oficialização.

Estas respostas constituíram categorias de análise, que são descritas a seguir com alguns exemplos expressados pelos próprios professores:

*Categoria 1 - Porque o tema é relevante:*

O tema da sexualidade apresenta evidência na sociedade, sendo recorrente entre os professores, uma vez que é um assunto muito importante, pertinente no cotidiano, que deve fazer parte da formação do indivíduo.

“É um dos temas que devem fazer parte da formação do indivíduo”-

“Pois é de suma importância para o pleno desenvolvimento do indivíduo”-

“Uma vez que este tema é pertinente nos dias de hoje”-

*Categoria 2 - Porque é uma necessidades dos alunos:*

Os comentários voltam-se para aquilo que os professores consideram como importante ou relevante para seus alunos, como nas frases elencadas abaixo.

“É muito importante informar os alunos sobre gravidez, métodos contraceptivos, relações entre namorados, etc, para que eles possam fazer escolhas responsáveis e ajustados em sua vida sexual” –

“Adolescentes e mesmo as crianças possuem muitas dúvidas sobre sexualidade que muitas vezes não são respondidas em casa geralmente pelo acanhamento dos pais”-

“É preciso que os alunos tenham orientações no momento certo, tanto para saberem lidar com suas próprias mudanças”-

“Crianças e adolescentes precisam de informações corretas sobre esse tema e não só aquilo que vêem na TV ou aprendem com amigas”-

“Para colaborar na elaboração dos conflitos para o auto-conhecimento do aluno, para diminuir os preconceitos sobre o assunto/pessoas”-

Em todas estas falas fica nítida a impressão que os professores vêem a questão da orientação/informação das crianças, dos adolescentes e jovens a partir de problemas ou de como evitar problemas ligados à sexualidade e que podem aparecer na escola, como a gravidez precoce/indesejada, os métodos contraceptivos existentes, as relações interpessoais, como o namoro e o *ficar*. entre outros.

### *Categoria 3 - Porque é função da escola:*

Aqui, os sujeitos atribuem à escola um papel que nem eles têm tanta certeza, pois partem de uma visão que a escola foi obrigada a assumir papéis que competem a terceiros, ou seja, aos pais e psicólogos. Acham que a família por vezes não contribui com o aluno e ficam distantes da escola. Vêem as ações da escola extrapolando o campo cognitivo, atingindo o social, o cultural, o psicológico.

“Atualmente com a valorização do sexo e da sexualidade precoce é necessário que a escola e toda a sua equipe se prepare”-

“Atualmente a escola foi obrigada a assumir muitos papéis que não deveria, pois era de responsabilidade dos pais, psicólogos, etc. Porque não assumir também essa importante responsabilidade?”-

“O papel da escola extrapola o campo do cognitivo, atingindo o social, cultural, psicológico, incluindo a orientação sexual”-

“Porque cabe a escola esclarecer e orientar o aluno a respeito do tema, que são importantes à sociedade como um todo”-

“Porque dessa forma se abrirá um espaço para ele ser debatido na escola”-

Há distintos aspectos apontados pelos participantes, porém constata-se que consideram que a escola deve abrigar tal tema, seja em decorrência da negligência da família, ou pela sua valorização, ou ainda pela necessidade dos próprios alunos.

Não obstante, a inserção deste tema na escola é difícil, devido à sexualidade estar submersa em mitos, tabus e preconceitos, os quais estão arraigados na cultura ocidental, vítima da repressão sexual que insiste em persistir. De acordo com Ribeiro (1990) a atitude da escola é fugir dos assuntos que dizem respeito à sexualidade. No entanto, como ele lembra, ela não pode promover o desenvolvimento dos seus alunos de maneira neutra e omissa, devendo aceitar que lida com seres sexuados.

Alguns dos participantes demonstraram ter consciência que a sexualidade, por estar presente na escola, deve estar presente no projeto pedagógico.

#### *Categoria 4 - Porque é uma questão oficial (aspecto legal):*

“O projeto pedagógico é um alicerce do trabalho, assim é importante a presença da orientação sexual no projeto”-

“As questões de sexualidade já fazem parte dos PCN, só que estes não podem ficar só no projeto, tem que efetivamente acontecer dentro da sala de aula”-

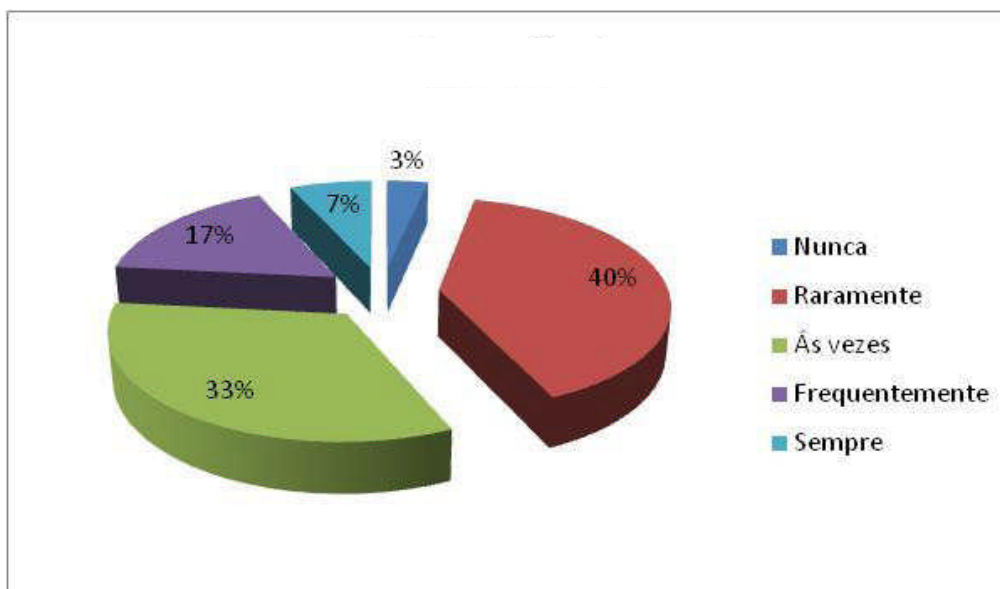
“O projeto pedagógico é um documento que a escola tem para comprovar dessa forma que a orientação sexual deve ser inserida”-

“Porque ele está presente no currículo, assim como a ética, meio ambiente, etc” -

As assertivas acima revelam que para estes participantes o projeto pedagógico representa o alicerce do trabalho, um documento comprobatório que a escola possui. Por meio dele ocorreria a inserção definitiva da orientação sexual nos conteúdos escolares, de forma intencional e planejada, tais quais os demais conteúdos, o que auxiliaria a sanar a dúvida dos jovens, considerando que há muitos meios de informações distorcidos. Dessa maneira, para os participantes a orientação sexual deve ser introduzida no projeto pedagógico devido à sua relevância, a necessidade dos alunos, e por ser função da escola. Por isso, manifestam-se favoráveis à sua oficialização no currículo escolar.

Posto isto, é preciso que haja o devido preparo destes futuros profissionais nesta temática, porquanto é uma forma de propiciar que saibam como abordar este assunto com os alunos no cenário escolar.

O Gráfico 2 apresenta os resultados para a questão se, na prática, eles abordavam assuntos da sexualidade humana em sala de aula.



**Gráfico 2** - Atuação profissional e os temas da sexualidade humana

Por meio do Gráfico 2 constata-se que 40% dos participantes disseram que raramente abarcam estes temas, sendo que 33% deles mencionaram que abrangem às vezes. Por outro lado 17% referiram que tratam estes temas frequentemente, enquanto que 7% o fazem sempre e 3% nunca.

A maioria dos participantes trata às vezes e raramente estes assuntos. Quanto aos temas que abordam citaram: sexualidade infantil, relações afetivas, diversidade sexual, relações de gênero, homossexualidade, direitos sexuais, minorias sexuais, abuso sexual infantil, DST, controle de natalidade, masturbação e sexualidade e deficiências. Foi possível notar que eles abarcam distintos temas, porém vale advertir que isso só ocorre quando é tratado, ou seja, raramente e às vezes, quando há abertura para isso.

Nota-se que as discussões deste tema pelos docentes só ocorre quando são indagados, ou ainda, quando algum texto que venham a trabalhar dê margem para se tocar no assunto. Não há, como eles declararam, um trabalho formal e sistematizado voltado para a temática (LEÃO, 2011).

Sendo assim, questionamos “como os discentes terão formação em sexualidade se os docentes não abarcam este assunto?” Este aspecto corrobora com a premissa da necessidade da inserção de disciplinas relacionada à sexualidade nos cursos de graduação, pois é uma forma de possibilita que os discentes tenham acesso a formação e informação do tema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade está presente cotidianamente no espaço escolar, sendo papel da escola tratá-la. Deste modo, é preciso que os professores sejam devidamente preparados, isto é, tenham acesso ao conhecimento científico acerca deste assunto. Esta necessidade é reforçada pelo fato de que na prática pedagógica, por meio de palavras, olhares, atitudes, educadores podem desorientar ou orientar seus alunos.

No tocante ao curso de Pedagogia analisado, é possível constatar que os discentes percebiam a relevância da temática, porém têm carência neste sentido, uma vez que ainda não há abrangência formal deste assunto pelos docentes de forma a dar uma formação efetiva, abrangente e aprofundada a estes.

Em suma, a presente pesquisa evidenciou a inexistência da temática da sexualidade no referido curso, reforçando a premissa que os futuros professores vão fazer uso do conhecimento de senso comum quando for problematizar as questões (inevitáveis) de sexualidade no contexto de sala de aula. Por esta razão, como assentem os docentes, é preciso à inserção de disciplinas de cunho sexual na grade curricular, porquanto é uma forma de propiciar o preparo para a prática pedagógica voltada a este tema.

Diante do exposto, há a necessidade da efetivação da inserção de disciplinas específicas sobre sexualidade na formação dos professores, de modo a contribuir para formação de profissionais sensíveis, conscientes e aptos ao trabalho de orientação sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília, v. 8, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. 2. ed. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FRISON, L. M. B. Desafios da orientação sexual no contexto escolar. **Ciências e Letras**, Porto Alegre, n.32, p. 207-218, 2002.

GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de Orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

KOERICH, M. C. T. **História de uma presença-ausente: sexualidade e gênero em currículos de Pedagogia**. 2007. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.



LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos.** 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

LEÃO, A. M. C. **A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadore(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo:** analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência. Relatório de Pós-Doutorado Apresentado à Fapesp - Departamento de Psicologia da Educação - Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2011. (no prelo).

OLIVEIRA, D. L. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: Meyer, D.E.E. (org.). **Saúde e sexualidade na escola:** isto não é coisa de médico? Porto Alegre: Cadernos de Educação Básica, 2000. p. 97-109.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Sexualidade e educação sexual:** apontamentos para uma reflexão. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Araraquara: Laboratório Editorial da FCL, 2002. p. 81-96.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E. P. U, 1990.

SANTOS, C.; BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço:** novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega, 2000.

SILVA, R. C. P. **Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola.** 2004. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.